



ARTIGO

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O NARRAR INTERNO

THE AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AND THE INTERIOR NARRATIVE

Weberson de Aquino Limaⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo: Este artigo analisa o indicador do “ponto de vista” ou “narrar interno” na literatura afro-brasileira. Baseando-se fortemente nos estudos do Professor Eduardo de Assis Duarte, o artigo objetiva discutir sobre o ponto de vista do homem negro e da mulher negra como sujeito de sua escritura, que constitui assim uma contra narrativa que se legitima na história individual e coletiva da população negra no Brasil. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se com base em produções bibliográficas de teóricos afro-brasileiros como Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) e Cuti (2010), perpassando também as obras literárias de quatro importantes precursores da literatura afro-brasileira em um recorte temporal que vai do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Conclui-se ao final do artigo que diante do “narrar interno” do sujeito autor afro-brasileiro, os personagens negros são construídos fora dos estereótipos e estigmas advindos do processo de escravização.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Narrar interno. Escravização. Personagem negro.

Abstract: This article analyzes the “point of view” in Afro-Brazilian literature. Based on the studies of Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), the article aims to discuss the “point of view” of the black man people the subject of his writing, which thus constitutes a counter-narrative that is legitimized in the individual and collective history of the black population in Brazil. Methodologically, specialized research is based on bibliographic productions by Afro-Brazilian theorists like Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) and Cuti (2010), also going through the literary works of four important precursors of Afro-Brazilian literature in a time frame from the 19th century until the first decades of the 20th century. We conclude at the end of the article that in the face of the “internal narration” of the Afro-Brazilian subject, black characters are constructed out of stereotypes and stigmas arising from the process of enslavement.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Interior Narrative. Slavery. Black character.

Introdução

A presença do negro na literatura brasileira é escassa, seja como personagem no repertório literário, seja como voz autoral, como é apontado nas pesquisas de Eduardo de Assis Duarte (2013). Essa escassez é atribuída ao violento processo de escravização ocorrido no Brasil que, além de gerar preconceitos, reduzia o escravizado a instrumento de força braçal e a objeto sexual.

Mesmo com a assinatura da Lei Áurea, no dia 13 de maio de 1888, o africano e o afro-brasileiro libertos permaneceram cativos do sistema colonial. A Lei Áurea estava marcada pela ausência de direitos mínimos e pelo tratamento excludente que manteve boa parte dos remanescentes de escravizados em um estágio de pobreza e miséria durante décadas, e que, por sua vez, redundou em um efetivo sequestro de sua cidadania e da não inserção dessas pessoas na sociedade.

Estes ex-escravizados e sua descendência estavam relegados à margem social, tendo suas memórias deletadas dos arquivos, das narrativas históricas e da literatura. Sem representação na ficção em que predominava um cenário literário branco que não lhes reservava nenhuma dignidade e humanidade, a imagem do africano, e também do afro-brasileiro, estava então associada ao estereótipo de negatividade.

O negro passa a existir como sujeito dotado de faculdades humanas e virtudes a partir do século XIX, através de escritores que assumem a afro-brasilidade e tomam para seus textos o tom político e crítico diante do processo de escravização e suas sequelas. É a partir do *narrar interno*, o ponto de vista do sujeito afro-brasileiro, que o personagem negro se distancia dos estereótipos e estigmas do olhar branco e colonizador. Ao fazer sua escrita ficcional, o autor afro-brasileiro instaura novos paradigmas que permitem uma abordagem diferente do sujeito negro escravizado e de sua descendência em nosso país.

Este artigo é basilarmente apoiado nos estudos realizados pelo professor Eduardo de Assis Duarte nas duas últimas décadas compreendendo a discussão da afro-brasilidade e da importância do indicador do ponto de vista do sujeito afro-brasileiro. Ponto de vista este que é um fator essencial para a construção de uma literatura que passa a destoar do pensamento raciológico, que é herança dos duros séculos de escravização de pessoas negras no Brasil.

Diante desta afirmação, o presente artigo tem como objetivo a discussão sobre o *narrar de dentro* de escritores afro-brasileiros, perpassando pela obra de Luís Gama (1830-

1882), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922), quatro dos principais precursores dessa literatura. Este artigo apoia-se nas ideias propagadas pela Lei 10.639/03 (que instituiu o ensino de história da África e de história e cultura afro-brasileira na educação básica e que veio para inscrever, na ordem do discurso, o indivíduo da diáspora negra como protagonista de seu passado), e opta por desenvolver a base da pesquisa em produções bibliográficas de teóricos afro-brasileiros como Eduardo de Assis Duarte (2005, 2013, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005, 2011) e Luís Silva (Cuti) (2010), para trazer para contexto atual discussão sobre o indicador de ponto de vista da literatura afro-brasileira.

1 A Literatura Afro-brasileira

O termo literatura afro-brasileira, por sua configuração semântica¹, remete ao processo de mesclagem cultural em curso em nosso território, desde a chegada dos primeiros escravizados trazidos do Continente Africano, os quais foram submetidos a um processo de “hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural” (DUARTE, 2014, p. 264), durante os anos violentos de escravização.

Este modo de assimilação híbrido torna-se uma estratégia de sobrevivência e resistência, diante do doloroso e traumático processo de colonização e suas sequelas, que, por sua vez, vigoram na escrita afro-brasileira do passado e dos dias contemporâneos. Os estudos de Eduardo de Assis Duarte (2014), observam que a literatura afro-brasileira: “se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2014, p. 259). Essa literatura tem suas origens conhecidas até o presente momento em meados do século XVIII (PEREIRA, 1995). Ela existe e vem resistindo as barreiras impostas pelo colonialismo até os dias atuais.

A literatura afro-brasileira é concebida para pesquisadores como Florentina Souza “como um recorte da tradição literária brasileira que enfoca suas narrativas nas questões étnicos raciais” (SOUZA, 2011, p. 14), e tem como proposta o questionamento sobre o racismo, a escravização e suas consequências que suscitaram a exclusão e a marginalização dos africanos escravizados e de seus descendentes em gerações futuras.

¹ Como nos aponta o Prof. Eduardo de Assis Duarte, em seu texto *Por um conceito de literatura afro-brasileira* do ano de 2014.

A escritora e professora Conceição Evaristo (2011) também faz parte do grupo de pesquisadores que colaboram para a definição deste recorte na literatura nacional, pois, para Evaristo, “há muito, um grupo representativo de escritores/as afro-brasileiros/as, assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vem afirmando a existência de um corpus literário específico na Literatura Brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 131). Para a pesquisadora, esse corpus singular se constituiria como uma produção literária caracterizada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira. Esses textos que comportam a literatura afro-brasileira surgem “pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo aos modos de utilização da língua” (Ibidem, p. 143), que, por sua vez, gera um ponto de vista que narra internamente e colabora para a definição de um recorte dentro da literatura nacional em um nicho específico.

Desta maneira, os escritores afro-brasileiros transmitem para os seus textos e conseqüentemente para seus leitores “um discurso caracterizado, seja no nível da escolha lexical, seja no nível dos símbolos utilizados pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida” (DUARTE, 2005, p. 17). O que torna essa literatura um meio de afirmação para um sujeito que se autodeclara negro e que através de sua escrita reconstrói a sua memória ancestral e com ela alimenta o orgulho étnico.

Essa literatura produzida por escritores afro-brasileiros está “inserida na experiência da vida da população negra, não só como meio de liberação de tradições africanas silenciadas em nossa cultura, mas também como estratégia artística de denúncia da exclusão dos negros” (PEIXOTO, 2013, p. 11). Assim, a literatura produzida acaba por constituir uma contra narrativa que é um proeminente recorte que exemplifica e ilustra as questões acerca de preconceito racial, diáspora, violência, e também questões de gênero associadas à condição da cor dos sujeitos.

Diante do exposto, é importante atentar para o que nos indica o escritor e estudioso da literatura afro-brasileira Luiz Silva (Cuti), que afirma: “por todo o período da escravização no Brasil e no mundo, a expressão do escravizado ficou tolhida. Aliás, calar o outro é uma das táticas para dominá-lo” (CUTI, 2010, p. 48). Salienta-se, também, que “é importante lembrar que o acesso dos escravos à alfabetização era frequentemente negado sob pena de morte” (GILROY, 2001, p. 160), o que, por sua vez, impunha barreiras e

silêncio aos escravizados e aos seus descendentes, até mesmo em gerações nascidas fora do regime escravocrata, pois toda violência do processo colonial serviu para impor limites à expressão dos escravizados. Esse silêncio impositivo atravessa o tempo, naturaliza-se (CUTI, 2010), e se torna um motivo para o apagamento e até a ausência de autores afro-brasileiros nos manuais de estudo da literatura nacional.

Sendo assim, é importante, mais uma vez, dar destaque às reflexões de Conceição Evaristo (2011), as quais afirmam que o corpo negro tem sido, durante séculos, violado em sua integridade física e interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata, e que ainda hoje seriam recorrentes essas violações, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade. Desta maneira, para a escritora “coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 133).

Nas formas de resistência citadas por Conceição Evaristo (2011) se encontra, juntamente com a música e a religiosidade, a literatura, pois como nos mostra o sociólogo brasileiro Octávio Ianni (2014), a literatura produzida por essa parcela afro-brasileira não só expressa, como também organiza uma parte importante da consciência social dos afro-descendentes “ao lado da política, da religião e outras formas de consciência, ela é uma forma singular, privilegiada, de expressão e organização das condições e possibilidades da consciência do negro” (IANNI, 2014, p. 196). Por este motivo, desde seus primórdios, essa literatura vem sendo desvalorizada ou até mesmo considerada menor, por parte do cânone branco e eurocêntrico, pois, desde o início, os brancos, detentores do poder, reprimiam e impediam o acesso dos escravizados à palavra escrita. Nota-se que, mesmo após a abolição construiu-se no imaginário coletivo uma negatividade apoiada na suposta inferiorização do povo negro e em torno de tudo que se faz referência à África e aos valores da afro-brasilidade.

Todavia, existiu e existe uma força branca de hegemonia eurocêntrica, a qual faz uso de uma tentativa para silenciar o volume da voz ecoante negra. No caso da literatura, como nos mostra Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 1), a produção literária afro-descendente “sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos”. Esse é um dos motivos (mas não o único) que ajuda a explicar o porquê do silenciamento e a ausência de escritores afro-brasileiros que criticavam em seus textos as

atrocidades da escravidão, o preconceito racial, assim como as mazelas do antes e depois do 13 de maio nos manuais de estudos de literatura nacional, mesmo que “durante toda a formação da Literatura Brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si” (EVARISTO, 2011, p. 141).

2 Precusores da Literatura Afro-brasileira

A tinta e a pena para os autores e autoras afro-brasileiros tornam-se uma arma, para a luta contra o fim do regime escravocrata e a degeneração da dignidade humana de si próprios e aos irmãos, ainda acorrentados aos grilhões da escravidão. A literatura afro-brasileira permitiu um movimento em que “amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil” (EVARISTO, 2011, p. 141). Nessa fala enfática e afirmativa é que se encontram as vozes precursoras desta literatura, como o poeta, jornalista e advogado Luiz Gonzaga Pinto da Gama ou Luiz Gama (1830-1882), que com seu discurso fundador e pioneiro, de atitude compromissada com os valores da negritude, é o primeiro poeta a falar em versos do amor por uma mulher negra e também a refletir sobre a aceitação de ser negro em poemas (BROKSHAW, 1983). Soma-se a estes atributos o fato de que Luiz Gama vivenciou a experiência da escravidão durante a infância (DUARTE, 2005).

Sabe-se que o poeta em sua época já se autodenominava “Orfeu de Carapinha”, e ao evocar como inspiração e modelo de beleza a “Musa da Guiné” ou “de azeviche”, Luiz Gama tem uma ação afirmativa, de orgulho e elevação de sua etnicidade afro-descendente (DUARTE, 2014). O autor optou por sua afro-identificação em “um momento em que toda sociedade imperial queria ter uma marca europeia” (EVARISTO, 2011, p. 141). Luiz Gama acaba indo na contramão do que pregava o discurso vigente de seu tempo. Foi como “Orfeu de Carapinha”, poeta da negritude e advogado abolicionista no Brasil, que Luiz Gama se tornou uma das mais importantes personalidades da história do povo negro na defesa do fim dos trabalhos forçados e abusos (SANTOS, 2010) em frente à luta por liberdade de sua gente.

O jornalismo, o direito e a arte literária, juntamente com a política, foram as armas escolhidas pelo autor na luta por igualdade racial. Luiz Gama não se furta em

nenhum momento da vida à sua afro-identificação, advinda de sua herança materna africana (SANTOS, 2010). Em seu único livro publicado, intitulado *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859), o autor mostra que sua poesia é ácida e reveladora, uma ação confirmatória desta afro-brasilidade. O discurso fundador de Luiz Gama “ridiculariza o *mulato*² enriquecido, que nega a própria origem afrodescendente, o branco preconceituoso, o escravista, o status quo” (SOUZA, 2006, p. 36).

Além dele, a professora e escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é outro exemplo de autora precursora da literatura afro-brasileira. Maria Firmina foi esquecida e ignorada mediante a questão racial somada a questão de gênero. A pouca divulgação impediu que a autora viesse a constar dos manuais clássicos da literatura nacional (DUARTE, 2005). O seu romance *Úrsula*, publicado há mais de um século e meio, seguiu até então esquecido, mesmo que seu texto se destaque “pela contundência com que expõe os métodos de abordagem daqueles que transformam seres humanos em mercadoria e força de trabalho submissa” (DUARTE, 2020, p. 50). *Úrsula*, em 1859, era um romance no qual se abordava a escravidão a partir do ponto de vista do outro, o ponto de vista do escravizado.

O romance escrito por Maria Firmina dos Reis trouxe para o público de sua época “um tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro. O resultado é que uma espessa cobertura de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2004, p. 267), de modo que, apenas a partir de edição fac-similar, preparada por Horácio de Almeida e vinda a público na década de 70, *Úrsula* passou ao conhecimento dos estudiosos e do público (DUARTE, 2020).

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2020), dentre as inovações pioneiras da autora no romance, destaca-se um fato inédito até então na produção literária de nossa nação: pela primeira vez a África é tematizada, surgindo como um espaço de civilização. Além da África e da dor dos escravizados raptados, o texto de Maria Firmina também traz pela primeira vez a descrição do porão do navio negreiro, conhecido pelos escravizados como tumbeiro, ele é “descrito em detalhes, este espaço submerso na dor é palco onde se expõe os métodos adotados para atender aos reclamos dos acorrentados” (DUARTE, 2020, p. 50),

² Se manteve a citação direta do autor, porém vale ressaltar que a palavra *mulato* está em desuso, por ser considerada racista. A palavra era usada pelos portugueses colonizadores, desde o século XVI, para comparar o negro mestiço a um animal de grande força e resistência para trabalhos forçados.

antecedendo assim o autor branco Castro Alves e seu poema “Navio negreiro” publicado em 1880.

Maria Firmina usa o caminho do romance romântico folhetinesco como atitude política de denúncia às injustiças que há séculos estavam enraizadas na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira “que tinham no escravo e na mulher suas principais vítimas” (DUARTE, 2004, p. 268). É como mulher afro-brasileira que a autora se põe a narrar o drama de Úrsula, de sua mãe e a tragédia de outros escravos “que recebem no texto um tratamento marcado pelo ponto de vista interno, pautado por uma profunda fidelidade à história oculta da diáspora africana em nosso país” (Ibidem, p. 268-269), em um escrito, que os personagens escravizados são vistos como parâmetro de moral, contradizendo o discurso de inferiorização dos negros de seu tempo.

Os estudos que recaem sobre a obra de Maria Firmina se pautam no que é defendido pelo Professor Eduardo de Assis Duarte (2004, 2020), que conferem o romance não apenas como o primeiro escrito por mulher em nossa literatura, mas também como um romance fundador da Literatura Afro-brasileira. De acordo com as pesquisas de Duarte, ao publicar *Úrsula*, a escritora desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. “*Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem. É também o primeiro romance da Literatura Afro-brasileira” (DUARTE, 2004, p. 279).

O romance de Maria Firmina é uma obra que é entendida como produção de autoria afro-brasileira, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna “e comprometida em recuperar e narrar a condição de ser negro em nosso país” (DUARTE, 2020, p. 63). Desta maneira, o romance da escritora maranhense vem fazer companhia às *Primeiras trovas burlucas de Getulino* do poeta Luiz Gama, também de 1859, “no momento inaugural em que os remanescentes de escravos querem tomar com as mãos o sonho de através da literatura, construir um país sem opressão” (DUARTE, 2004, p. 280). Do ponto de vista orientado pelas reflexões de Duarte (2020), o tema da escravidão perpassa toda a obra da autora tendo em vista o conto “A escrava” (1887), que a exemplo de *Úrsula* narra “o drama de seus irmãos de cor em pleno Maranhão senhorial” (Ibidem, p. 2). Maria Firmina, além de marcar as letras nacionais como mulher maranhense e afro-brasileira, atuou como folclorista e também ajudou a compor o hino da abolição da

escravatura sempre mantendo-se à frente da luta por liberdade ao longo de seus 92 anos de vida.

Contrariamente ao apagamento imposto a Maria Firmina dos Reis, o escritor e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis (1839-1908), já era “reconhecido como um dos grandes escritores da língua portuguesa e seguramente o maior ficcionista da literatura brasileira” (DUARTE, 2020, p. 9). O que figurava sobre a aura de Machado de Assis durante anos seria uma suposta omissão de “homem das letras denegador de suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento” (Ibidem, p. 11), fundamentados em um branqueamento social em que até mesmo afirmou-se que o uso da barba e do bigode, itens quase obrigatórios entre os homens de seu tempo, teria como objetivo o disfarce dos traços afrodescendentes. Isto sem falar dos polêmicos retoques para clarear a pele nos estúdios dos fotógrafos da época (DUARTE, 2020).

Tais fatos, somados a uma ausência de heróis negros nos romances machadianos fundamentaram então a falsa tese do absentismo do escritor. A tese era reforçada pelo discurso depreciador de pessoas negras e mestiças que povoavam não apenas a ciência da época, mas também o senso comum. Este discurso de depreciação dos negros foi também destacado na literatura de escritores contemporâneos ao autor, inclusive naqueles sabidamente abolicionistas (DUARTE, 2020).

A falsa tese do absentismo cai por terra, a partir de releituras feitas por Eduardo de Assis Duarte (2020), que possuem como fruto o volume *Machado de Assis afrodescendente* (2020), que apresenta como mote de pesquisa as manifestações da afrodescendência expressas, sobretudo nos posicionamentos textuais a respeito da escravização, dialogando e indagando a respeito da porção afrodescendente na produção machadiana.

Na ótica de Duarte, a complexidade do texto machadiano carrega em seu núcleo uma ironia refinada e profunda, que trazia em seu centro uma crítica social, visto que “a leitura das crônicas machadianas revela o cidadão empenhado em denunciar a crueldade do sistema e a hipocrisia de escravocratas recém-convertidos ao abolicionismo” (DUARTE, 2005, p. 10).

A releitura dos romances machadianos, no trabalho de Duarte (2020), revela o caráter da *poética da dissimulação* presente no que o pesquisador denomina de “estratégia de caramujo” adotada por Machado, em que o autor “encena em seus romances nada

menos que o fim do senhor de escravos” (DUARTE, 2020, p. 338), de uma maneira crítica não tão direta como fazia o poeta Luiz Gama. No entanto, é possível reconhecer abordagens diretas e ácidas presentes nas narrativas sobre escravização e branqueamento de algumas de suas produções do gênero conto, como por exemplo: “Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “O caso da vara” (1899), “O pai contra mãe” (1906) e também em sua produção poética com os poemas “Sabina” (1875) e “13 de maio” (1888).

Diante da perspectiva exposta pela pesquisa de Eduardo de Assis Duarte (2020), existe uma compreensão machadiana acerca da escravidão e a figura do escravizado e principalmente do processo abolicionista, que é a ideia defendida atualmente, também pelo professor Sidney Chalhoub (2020), que ajuda a reforçar o caráter precursor afro-brasileiro em algumas produções machadianas.

De acordo com Chalhoub (2020) há uma grande ironia no fato de que Machado de Assis, como afrodescendente, seja tão mal compreendido no que concerne à sua atuação como cidadão e intelectual, no combate à escravidão e ao racismo. Para Chalhoub (2020), tal ledor engano é advindo da má compreensão da “estratégia de caramujo” defendida por Eduardo de Assis Duarte (2020).

Sidney Chalhoub (2020) defende que existem três momentos sucessivos na maneira que Machado de Assis abordou os preconceitos e as práticas racistas da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX e início do século XX. O primeiro seria o costume senhorial da violência sexual contra a mulher negra e a leveza moral dos senhores quanto aos sentimentos afetivos delas, o segundo, a relação entre divisão do trabalho, ideologias científicas e impossibilidade social e o terceiro, a produção de silêncio sobre o legado da escravidão e suas consequências para a sociedade brasileira.

Os estudos de Chalhoub (2020) e Duarte (2020) colaboram para a quebra total e o esmiuçamento da ideia de perfil omissivo de Machado de Assis. Eles mostram ao leitor, que o autor, sim, se posicionou a favor dos escravizados e ex-escravizados, e ainda mais, joga para o público de sua época a crueldade e a decadência do sistema opressor. De modo geral, Eduardo de Assis Duarte (2020) mostra que, embora situado em um contexto de flagrante rebaixamento dos africanos e dos afrodescendentes, Machado de Assis não compartilha e nem endossa em seus escritos tais pensamentos vigentes em seu tempo. “Caso fizesse, estaria de braços dados com a recusa ao pertencimento étnico a que tantos negros e mestiços aderiram” (DUARTE, 2020, p. 264).

Na contramão de uma boa recepção e aceitação do público leitor das primeiras décadas do século XX, o jornalista e ficcionista Lima Barreto (1881-1922) surge na literatura brasileira, “pobre e suburbano, via a ascensão social bloqueada não apenas pela linha de cor, mas também pela exploração econômica” (DUARTE, 2005, p. 13). Com uma obra que acaba por afrontar a literatura oficial, não apenas no plano estético, mas também no campo ideológico, Lima Barreto tem uma atitude de denúncia e combate explícito, similar àquela utilizada por Luiz Gama. O escritor Lima Barreto é uma das últimas personalidades negras precursoras da literatura afro-brasileira nascidas no século XIX.

Octávio Ianni (2014) defende que Lima Barreto é um autor que “assume a problemática do negro de modo aberto, pleno, em suas dimensões humanas, sociais, culturais e artísticas” (IANNI, 2014, p. 191). Neste contexto, as palavras de Octávio Ianni colaboram e reforçam o pensamento de Duarte (2013) que afirma que “o negro surge marcado pela perspectiva interna na ficção de Lima Barreto, que faz dele um ser humano livre de estereótipos como em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909) ou em *Clara dos Anjos* (1948)” (DUARTE, 2013, p. 149). De acordo com os apontamentos de Duarte (2013), é pela via do drama que estes personagens vivem, que eles conseguem transmitir ao público leitor um retrato das desigualdades raciais presentes na capital brasileira do século XX nas primeiras décadas do pós-abolição.

A pesquisadora Magali Gouveia Engel (2020) aponta que o escritor foi alvo de discriminação racial, à qual se juntaram também preconceitos relativos às suas origens sociais, sobretudo quando passou a residir no subúrbio carioca. Engel comunga e ajuda a fortalecer as opiniões de Duarte (2013), sobre um ponto de vista interno, pois, para a pesquisadora “as próprias experiências de Lima Barreto foram registradas de modo recorrente em suas narrativas ficcionais, profundamente marcadas por um forte tom autobiográfico” (ENGEL, 2020, p. 199). Como é o caso de seu primeiro romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909).

O livro *Recordações do escrivo Isaias Caminha* é o romance de estreia do literato afro-brasileiro Lima Barreto. Nesse texto, a problemática central é sem dúvida o preconceito racial da sociedade brasileira no começo do século XX. Para o pesquisador Ricardo André Ferreira Martins (2011), o romance é uma peça de resistência e denúncia mostrando, a partir da narrativa ficcional de tonalidades autobiográficas, que indivíduos afrodescendentes eram constantemente massacrados pelo preconceito racial vigente.

Desde o começo dessa narrativa, afloram todas as condições em que se dá a gênese social de Isaías Caminha de homem afro-brasileiro (MARTINS, 2011), que mesmo possuindo talentos acima da média, se via emparedado pelo discurso discriminatório em um “período em que a abolição da escravidão era ainda recente, destinava aos afrodescendentes apenas os trabalhos menos qualificados, mesmo quando se tratava de mão-de-obra inteligente” (MARTINS, 2011, p. 154).

A protagonista do romance *Clara dos Anjos* (1948) é considerada, de acordo com os apontamentos da pesquisadora Maria do Carmo Lanna Figueiredo (2002), como “a réplica feminina de Isaías Caminha no que concerne à denúncia dos preconceitos sócio-raciais da sociedade brasileira, fechando o ciclo de uma constante temática barretiana (FIGUEIREDO, 2002, p. 151). O romance foi concluído no ano da morte de Lima Barreto, e de acordo com Figueiredo (2002), seu tema já vinha sendo cogitado durante vários anos, no entanto, só foi publicado postumamente em 1948. A pesquisadora afirma que “vários rascunhos mostram que a obra deveria ser mais vasta e abranger alguns aspectos da história da escravidão brasileira que o autor pretendia explorar, incluindo o drama de muitas gerações de mulheres” (Ibidem, 2002, p. 151).

Avaliado pela crítica como inferior aos demais romances do autor, por seu caráter incompleto, pelo uso excessivo do traço confessional, seu último romance, *Clara dos Anjos*, relata a história de sedução de uma pobre jovem negra suburbana por um rapaz branco, de condição social superior à sua. Clara é a figura feminina romanesca que o autor escolheu para refletir uma fatalidade específica de tantas outras moças negras dos ambientes suburbanos tão explorados pela literatura afro-brasileira de Lima Barreto (FIGUEIREDO, 2002). Apoiando também essa perspectiva, Engel (2020) afirma que as relações sociais profundamente desiguais e fortemente perpassadas pela segregação racial, vividas por personagens suburbanas constituem o enredo de *Clara dos Anjos*, um de seus mais importantes romances de denúncias do racismo e da injustiça social, característicos da sociedade brasileira.

O racismo e o preconceito não se encontram apenas detidos à escrita romanesca de Lima Barreto, o caráter combativo explícito desse autor afro-brasileiro se estende também para outros gêneros textuais, tendo em vista que “em algumas crônicas, o escritor se preocupou em combater o apagamento da memória dos escravizados por liberdade” (ENGEL, 2020, p. 196). Muitos de seus contos trazem para o leitor os resultados do pós 13

de maio e de como o preconceito e a pobreza atingiram a vida das pessoas negras nos primeiros anos da República.

A obra barretiana dialoga diretamente com os dilemas do preconceito e da ideia de falsa democracia racial. Tal produção literária leva em consideração o momento da inserção das pessoas negras na sociedade nas primeiras décadas do pós-abolição e corajosamente, assim como Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto optou por dar voz à camada negra, pobre e excluída de sua época, sendo o autor, um representante legítimo desta camada. A ficção de Lima Barreto era uma via direta, a qual constantemente denunciava os preconceitos e desigualdades impostos aos afro-brasileiros.

Ao contrário do romance machadiano, o protagonismo negro se fez presente em forma de denúncia no romance barretiano. Conforme Martins (2011), é notável a existência de uma linha que separa escritores afro-brasileiros como Machado de Assis de um lado e Lima Barreto de outro. Para o pesquisador, Machado de Assis escolheu um discurso narrativo em que a violência e o preconceito “são criticados por uma teia espessa de digressões e ironias, em que a crítica, a resistência e o revide aparecem como denúncia velada do dominador” (MARTINS, 2011, p. 162), reflexão essa que se assemelha a já conhecida “personalidade de caramujo” defendida pelas pesquisas de Eduardo de Assis Duarte (2020). No reverso desta tática “caramujesca”, estaria Lima Barreto, que “escolhe uma estratégia mais combativa e explícita, em revide violento, sem apelos alegóricos, deixando nu a ossatura do preconceito e da violência infligida ao homem negro ou afrodescendente brasileiro” (Ibidem, p. 162), posição de combate explícita similar à atitude de Luiz Gama.

É neste cenário de representação de homens negros e mulheres negras, que se passa a criar os contornos para toda uma geração futura de escritores afro-brasileiros. Seja na poesia de Luiz Gama, no romance de Maria Firmina dos Reis, nos contos de Machado de Assis e também na ficção de Lima Barreto, os escritores afro-brasileiros passam a “instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com toda as suas implicações, estéticas e ideológicas” (EVARISTO, 2011, p. 131). Há nesses escritores, e nas gerações subsequentes de autores afro-brasileiros, um tipo de assunção das identidades negras, que se relacionam com as condições sociais e experiências vivenciadas pelos africanos escravizados e seus descendentes e de sua própria afirmação como homens

negros e mulheres negras na afro-identificação e na condição de sujeito testemunha que usa *o narrar interno*.

Considerados como autores precursores da Literatura afro-brasileira (DUARTE, 2014), os literatos citados anteriormente, levam às vias da “escrevivência” (EVARISTO, 2005) o modo pelo qual o sujeito, homem negro ou mulher negra, percebe, enxerga e sente o mundo. Sendo assim, esta narrativa afro-brasileira se converte em uma peça de resistência, que muitas vezes carrega sinais e marcas de cunho autobiográfico dos próprios indivíduos autores, tendo como sua matéria de criação um texto que “sempre compreende as vivências e sofrências do negro, indivíduo e coletividade” (IANNI, 2014, p. 194), revelando um perfil literário negro em que o afro-brasileiro sai da condição de semovente, escravizado, alienado e passa a ser sujeito de sua própria “escrevivência” (EVARISTO, 2005).

Desta forma, o escritor afro-brasileiro é o sujeito responsável por trazer ao público os seus relatos e de seu grupo étnico, que durante séculos foi socialmente invisibilizado e marginalizado durante toda a formação de nossa nação, com sua subjetividade negada e reduzida na história e também na ficcionalidade, que seguia até então, ignorando *o narrar interno* ou ponto de vista do sujeito afro-brasileiro.

3 A Literatura Brasileira e o personagem negro

A escrita afro-brasileira, como asseverado anteriormente, é considerada como uma contra narrativa da formação da nação brasileira. Essa literatura acaba por reescrever a seu modo a história. Uma história do ponto de vista do sujeito escravizado ou descendente de escravizado, que, por sua vez, olha seus antepassados, aqueles homens, mulheres e crianças que sobreviveram aos três séculos de comércio humano, durante os quais seus corpos, sua força de trabalho, e seus filhos estiveram presos ao regime de trabalhos forçados (MORRISON, 2020).

Nessa circunstância, a literatura afro-brasileira representa um reforço de afirmação para o sujeito afro-brasileiro, que não é mais mero objeto, mas, sujeito indivíduo de suas ações. Ela constitui uma espécie de reelaboração literária, de maneira que se contrapõe à ideia da construção de imagem imposta pelo autor branco, que de forma geral

construiu o homem negro e a mulher negra de maneira estereotipada, como indivíduos alienados, serviçais, animalizados ou libidinosos em uma *literatura sobre o negro*.

Essa representação de pessoas negras como objeto, agregava valores e visões do âmbito escravagista, interessados em afirmar a inferioridade das pessoas negras ou a sua condição instintiva, geralmente com propensão à violência, como nos aponta a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca (2014). Para a pesquisadora, também é válido ressaltar, que em “tais visões ficam evidentes na caracterização de personagens negras infantilizadas ou bestializadas, que reproduzem a condição subalterna em que os africanos escravizados viviam na sociedade brasileira” (FONSECA, 2014, p. 255).

Para Maria Nazareth Soares Fonseca (2014), esses textos literários, em que autores brancos constroem pessoas negras africanas e afro-brasileiras, cultivam, na grande maioria das vezes, os estereótipos do negro ruim ou do negro com instinto selvagem. A pesquisadora defende que “a caracterização das personagens indica o endosso pela literatura de representações do negro que ainda circulavam na sociedade escravocrata” (FONSECA, 2014, p. 255). Para essa autora essas representações seriam: o negro de bom coração, mas extremamente submisso; o negro animalesco, como a escrava Bertoleza, de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, que foi enganada pelo seu proprietário; ou impulsivo e instintivo, como o negro Amaro, do romance *O bom-Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, que fora capaz de assassinar por raiva e ciúmes o jovem grumete Aleixo, por quem o personagem nutria uma paixão.

Além das ideias anteriormente expostas, Fonseca adverte que essa caracterização de personagens africanos e afro-brasileiros, que é constantemente “marcada por estereótipos negativos [...] distende-se para a consideração dos negros como depravados, que se evidencia no romance *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro” (FONSECA, 2014, p. 255). Esses são apenas alguns exemplos registrados de nossa literatura por Maria Nazareth Soares Fonseca, em que todos os personagens negros citados se encontram condicionados à lâmina do olhar branco em sua construção. Esse olhar que os reduz a uma ideia rasa mostrando que “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (FANON, 2008, p. 29), no discurso diário e também no discurso literário/ficcional, que torna e trata o negro africano e afro-brasileiro como objeto de exotismo e submissão, fruto de uma observação rasteira baseada em preconceitos raciológicos.

Mediante a problemática de construção estereotipada, elencada por Maria Nazareth Soares Fonseca (2014), na *literatura sobre o negro* acrescenta-se que do ponto de vista autoral branco, existe a visão distanciada e unidimensional em que a simplicidade do negro é um mito que se forja por observadores superficiais (FANON, 2008). É evidente a existência de distorções severas em cenários que a figura do sujeito africano e afro-brasileiro se fez presente. Para exemplificação deste fenômeno, pode-se usar o total apagamento da população negra no romance *Memórias de um sargento de milícias* (1853) de Manuel Antônio de Almeida. No romance, o autor, em pleno século XIX, escolheu omitir e conseqüentemente apagou de seu texto toda a força de trabalho escravizado, presente historicamente naquele período na cidade do Rio de Janeiro.

Em um panorama em que se concebe uma *literatura produzida sobre o negro*, e esta literatura está sob uma objetiva de autoria branca, torna-se necessário entender que desta forma, “os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência” (CUTI, 2010, p. 9). Pontua-se então, que a *literatura sobre o negro* como reflexo e reforço das relações sociais e de poder, que atuou no sentido de negar complexidade e profundidade a personagens africanas e afro-brasileiras, também lhes negou a total humanidade reforçando o processo de coisificação evidenciado por Cuti (2010).

Negar a importância da representação ficcional e ainda estigmatizar toda uma parcela da população de uma nação, como no caso da população afro-brasileira, a papéis secundários de forma pejorativa, acaba por reforçar estereótipos e preconceitos já difundidos. Ainda mais no século XIX, período em que as teorias de superioridade racial ganharam mais espaço no ambiente intelectual, usando da ideia de falsa ciência como força de legitimação da inferioridade dos africanos e afro-brasileiros no Brasil.

A falta de representação e a estigmatização gera de forma inconsequente um falso embasamento reforçado pela pseudociência raciológica, que influenciou e ainda influencia os defensores da ideia de inferioridade racial. Esses defensores tendem, por sua vez, a desconsiderar e deslegitimar a humanidade e promoção da igualdade entre indivíduos brancos e não-brancos. Através desse juízo de inferiorização ao “discriminar os descendentes dos escravizados era uma necessidade para se manter o poder e a posse” (CUTI, 2010, p. 57), não só no século passado, mas também na contemporaneidade, em

que o discurso racista se dá também em forma da negação de espaço e silenciamento, ou ainda no princípio da ausência, como é destacado pela escritora e pesquisadora portuguesa Grada Kilomba (2020).

Para Kilomba (2020), é com o princípio da ausência que espaços brancos são mantidos como brancos, o que por sua vez, tornam a branquitude e as ideias propagadas por ela, a norma. A norma e a normalidade vigentes, na perspectiva da branquitude, é o fator indicativo de quem poderá representar a verdadeira existência humana. As reflexões propostas por Kilomba (2020) são similares as feitas por Cuti (2010), mesmo que suas obras estejam a uma década de distância, ambas convergem para um ponto afirmativo em comum: silenciar a voz do sujeito negro foi e é um meio de controle. Esse meio de controle é visível no espaço literário a partir da reprodução do discurso pautado em estereótipos e na negação da complexidade humana dos personagens africanos e afro-brasileiros.

Não se deve esquecer que há pouco tempo, apenas cinco ou seis décadas atrás, fosse na literatura ou em outras mídias, na grande maioria das vezes, a imagem do afro-brasileiro se encontrava continuamente modelada por meio de preconceitos e estereótipos negativos advindos da cultura da branquitude, fato similar ao que acontecia nas obras escritas por autores brancos, trazidas anteriormente no recorte temporal do século XIX.

Os dias contemporâneos não se situam tão distantes da situação do século XIX elencada por Fonseca (2014). As pesquisas literárias da escritora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè (2014, 2017) mostram que a literatura contemporânea produzida no Brasil reflete, nas suas ausências, o apagamento e o silenciamento da população negra, “que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e produção de discurso. São poucos os autores negros e poucas também as personagens” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 309).

As pesquisas de Dalcastagnè (2014) revelam que a maioria esmagadora dos autores publicados pelas grandes editoras é de escritores brancos e que nos textos publicados ainda reside a propagação dos estereótipos, pois como observa a pesquisadora ao dizer que “os negros são humanos parece ser ainda uma necessidade, quando se percebe que sua animalização se mantém como um recurso literário” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 323). Os levantamentos das pesquisas de Dalcastagnè (2014) apontam que os preconceitos direcionados para as pessoas negras ainda circulam em nossa sociedade, camuflados ou de maneira mais explícita. Assim, vemos que o pensamento do preconceito racial ainda existe

enraizado no grande mal ocasionado pelo processo colonial escravagista, como também, o silenciamento da voz afrodescendente.

Cuti (2010) observa que alguns grupos brancos, em cujas mentes ainda reina o pensamento colonial racista, não desejam a formação de heróis ou personagens negros dignos de complexidade, pois a instauração dessa possibilidade de construção literária de voz, identificação e representatividade, acabaria por assim entregar a função de transformação da literatura, já que essa função de transformação levaria a este leitor afro-brasileiro a refletir sobre si e sobre as “suas próprias dificuldades, e sobre os problemas sociais, provocaria nele desejo de mudança” (CUTI, 2010, p. 28). Deste modo, a função da literatura não seria mais apenas de caráter de entretenimento, mas sim, fonte de reflexão do sujeito afro-brasileiro, da sociedade e do mundo construído em torno de si.

Cuti (2010) também já assegurou que a batalha entre antigos escravizados e os senhores de escravos apenas mudou de roupagem, com a passagem e os eventos ocorridos no Brasil entre os séculos XIX e XX, e ainda perduram nessas duas décadas do século XXI. Para o professor e pesquisador, o preconceito incutido contra a população afro-brasileira é dissimulado e “persiste firme com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaborada” (CUTI, 2010, p. 8).

Desde a época do Brasil colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento (DUARTE, 2005). Desta forma, apreende-se que ao percorrer os caminhos da historiografia literária brasileira se encontrará a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social afro-brasileiro.

Conclusões

O trabalho realizado pelos precursores da literatura afro-brasileira, partindo de Luís Gama, Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Lima Barreto, e outros autores que se sucedem nas gerações futuras de escritores afro-brasileiros, insere as pessoas africanas e afro-brasileiras como protagonistas de suas narrativas, dando-lhes voz e legitimando seu discurso pautado na experiência coletiva da diáspora negra. Diante deste

processo de representação e construção, destaca-se que, para Conceição Evaristo (2011), esse protagonismo reflete, à luz do ponto de vista do *narrar interno*, um sentimento positivo de etnicidade que atravessa o texto dos escritores afro-brasileiros.

Para Evaristo (2011), os personagens criados por escritores afro-brasileiros são concebidos no texto sem a intenção de esconder sua identidade negra afrodescendente e muitas vezes são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais de povos africanos e da inserção e exclusão que os afrodescendentes sofreram e ainda sofrem na sociedade brasileira. Deste modo, na perspectiva da escritora, “o processo de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade que os negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira em geral” (EVARISTO, 2011, p. 135).

A partir da ideia de lugar de enunciação, os escritores afro-brasileiros são representantes socialmente situados, que no sentido político da palavra, assumem a função de porta-vozes. Esses criadores literários fazem as suas criaturas-personagens ganharem voz por meio de seus textos (DALCASTAGNÈ, 2017), mas tendem a ser historicamente marginalizados por uma estrutura que entende a linguagem, a voz e a representação como mecanismos de manutenção do poder, desde os tempos da escravidão. Os escritores afro-brasileiros não pensam as questões raciais de fora ou como um recorte. As obras desses autores são firmadas diante de uma perspectiva interna, íntima, com sua subjetividade e percepção própria, e isto reflete na criação de personagens que destoam dos conceitos de construção de branquidade.

Os autores afro-brasileiros empregam em seus personagens uma forma para romper com o preconceito existente na produção textual dos escritores brancos. Esses autores fazem do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras. Os personagens por eles construídos apontam as consequências de séculos de discriminação e inferiorização. Assim sendo, a atitude do autor afro-brasileiro demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o lugar do oprimido presente no gesto ousado da construção literária, que tem na denúncia dos preconceitos e de outras mazelas herdadas da escravidão um dos pontos constituintes de seu projeto literário.

Referências

- ALMEIDA, M. A. de. *Memorias de um sargento de milícias*. 1853. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16987. Acesso em: 14 abr. 2021.
- ALVES, C. *Navio negreiro*. 1880. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. 1890. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1723. Acesso em: 14 abr. 2021.
- BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. 1948. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- _____. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. 1909. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- BRASIL. MEC - *Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003__inclus%C3%A3o_no_curr%C3%ADculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.
- BROOKSHAW, D. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1983.
- CAMINHA, A. *O bom crioulo*. 1895. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2064. Acesso em: 14 abr. 2021.
- CHALHOUB, S. Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis In: _____; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 100-122.
- CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. Selo Negro. 2010.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, E. de A.; FONSECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4: História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 309-334.
- _____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo. Horizonte, 2017.
- DUARTE, E. de A. *Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra*. 2014, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/152->

eduardo-de-assis-duarte-entre-orfeu-e-exu-a-afrodescendencia-toma-a-palavra. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. *Literatura e afrodescendência*. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 20 jan. 2020.

_____. *Machado de Assis afrodescendente: antologia e crítica*. 3 ed. rev. Ampl. Rio de Janeiro. Malê. 2020.

_____. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, M. F. dos. *Úrsula*. Belo Horizonte. Editora Mulheres PUC Minas. 2004. p. 265-281.

_____. Maria Firmina dos reis: na contracorrente do escravismo, o negro como referência moral. In: CHALHOUB, S.; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 49-68.

_____. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, 2013. p. 146-153.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna iberistica*, v. 37, n. 102, 2014. p. 259-279.

ENGEL, M. G. Lima Barreto: dilemas e embates de um intelectual mulato na Republica dos Bruzundangas.... In: CHALHOUB, S.; PINTO, A. F. M. *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora, 2020. p. 195-219.

EVARISTO, C. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SILVA, D. A.; EVARISTO, C. (Orgs.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. URI, 2011. p. 131-146.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. SciELO-EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, M. do C. L. A atualidade da ficção de Lima Barreto. In: FONSECA, M. N. S.; _____. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza. 2002. p. 133-157.

FONSECA, M. N. S. Literatura negra os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, E. de A.; _____. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v.4: História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 246-272.

GAMA, L. *Primeiras trovas burlscas de Getulino*. 1859. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/491223sd889b05>. Acesso em: 23 mar. 2021.

IANNI, O. Literatura e consciência. In: DUARTE, E. de A.; FONSECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v.4. História, teoria, polemica. Editora UFMG, 2014. p. 183-196.

KILOMBA, G. Fanon, existência, ausência. In: FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora. 2020. *e-book*.

MARTINS, R. A. F. Lima Barreto: o trauma da escravidão, o preconceito e a violência em Recordações do Escrivão Isaías Caminha. In: SILVA, D. A.; EVARISTO, C. (Ed.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. URI, 2011. p. 147-167.

MORRISON, T. *O corpo escravizado e o corpo negro*. São Paulo. Companhia das Letras. 2020.

PEIXOTO, F. de L. *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PEREIRA, E. de A. *Panorama da Literatura Afro-Brasileira*. 1995. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 20 abr. 2021.

REIS, M. F. dos. *Úrsula*. Belo Horizonte. Editora Mulheres PUC Minas. 2004.

RIBEIRO, J. A *Carne*. 1888. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000148.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SANTOS, L. C. *Luiz Gama*. São Paulo. Selo Negro. 2010.

SOUZA, E. F. *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. 2006. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_61766/poesia_negra_das_americas-_solano_trindade_e_langston_hughes. Acesso em: 02 abr. 2021.

SOUZA, F. LIMA, M. N. *Literatura afro-brasileira*. Salvador. Fundação Palmares, 2011.

ⁱ Especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: webersonaquino@hotmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7488708322434222>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9836-769X>